

O PREPARO DA FORÇA TERRESTRE

Coronel José Arnon dos Santos Guerra

O Coronel de Infantaria Guerra é Assistente Militar do Vice-Chefe de Operações Conjuntas do Ministério da Defesa. Foi declarado Aspirante a Oficial, em 1987, pela Academia Militar das Agulhas Negras. Possui os seguintes cursos: Instrutor de Educação Física, Básico Paraquedista, Operações na Selva, Comunicação Social, Operações de Paz, Aperfeiçoamento de Oficiais e Comando e Estado-Maior, além do curso de Estudos de Política de Defesa na Universidade de Defesa Nacional de Varsóvia, Polônia, 2013. Serviu em diversas Organizações Militares, tendo 38 anos de serviço, e participou da Missão de Estabilização no Haiti. Foi Comandante do Comando de Fronteira Roraima/7º Batalhão de Infantaria de Selva, tendo redigido esse texto após 1 (um) ano no cargo de Assistente do Chefe do Preparo da Força Terrestre do Comando de Operações Terrestres (zsantos1944@hotmail.com).



NOÇÕES GERAIS DO PREPARO DA FORÇA TERRESTRE

Na estrutura organizacional do Comando de Operações Terrestres (COTER), a Chefia do Preparo da Força Terrestre (Ch Prep F Ter) é responsável por manter as tropas do Exército Brasileiro (EB) em excelentes condições de emprego.

O Brasil é um país de dimensões continentais, com imensas fronteiras marítimas e terrestres e que tem experimentado um prolongado período de paz. Desde o último conflito, quando a nação enviou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), constituída por uma divisão de exército, para lutar contra o nazismo na Europa, passaram-se sete décadas. O conflito marcou um momento triste da história, contudo permitiu que os integrantes da FEB deixassem lições de competência e profissionalismo para as gerações futuras.

Da Segunda Guerra Mundial até os nossos dias, a guerra transformou-se significativamente, tornando difuso o inimigo, variados os ambientes operacionais, complexos os equipamentos, múltiplos os

aspectos das missões, tudo sob o jugo de uma opinião pública cada vez mais exigente. Com isso, o soldado foi obrigado a aprimorar seu treinamento para estar à altura dos novos desafios.

Acrescenta-se a esse cenário a questão dos custos, pois, diante de tantas prioridades que um país em desenvolvimento deve listar em face de uma população cada dia mais participativa, a eficiência dos gastos públicos é determinante para facultar os investimentos militares, dentro do equilíbrio entre o que se deve e o que se pode fazer, de forma a permitir o cumprimento da missão.

Em síntese, todo militar, do soldado ao general, deve estar permanentemente preparado com o que a nação puder lhe oferecer de melhor, considerando as responsabilidades estabelecidas para as Forças Armadas e as possibilidades do país.

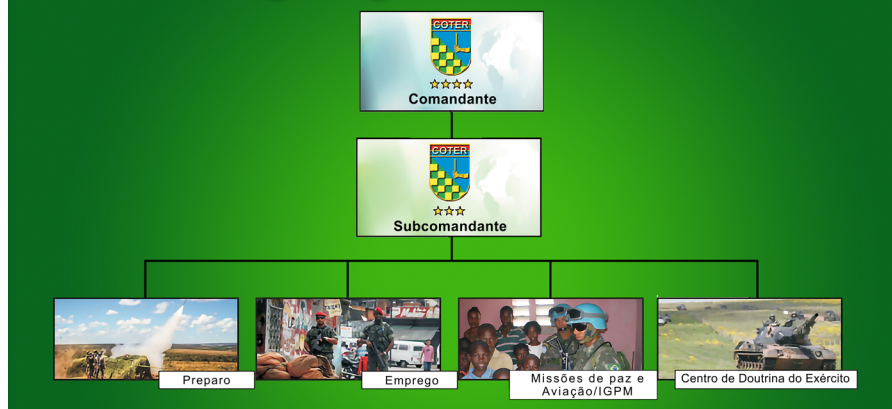
É nesse contexto e em harmonia com o processo de Transformação do Exército que a Ch Prep F Ter articula-se para manter o EB em condições de cumprir com suas atribuições constitucionais.

UM POUCO DE HISTÓRIA

O COTER foi criado em 6 de novembro de 1990, momento em que a operacionalidade da F Ter alcançou um novo patamar de flexibilidade e eficácia no emprego da tropa nos diversos cenários em que foi desdobrada. Foram centenas de operações, com destaque para as realizadas no Haiti entre 2004 e 2017.

Ao longo do tempo, o cumprimento das missões criou uma herança de lições aprendidas, que permitiu uma evolução doutrinária baseada em inúmeras experiências vividas em situação real. Nesse sentido, o próprio COTER teve que se adaptar, apresentando a configuração atual, conforme se segue:

Organograma do COTER



Nessa estrutura, a instrução militar conduzida diuturnamente pela Ch Prep F Ter é o principal fator para o êxito da F Ter quando empregada nas diversas missões dentro e fora do território nacional.

É importante destacar que as técnicas de instrução evoluíram bastante, particularmente a partir da década de 1980, com a introdução dos programas-padrões (PP), base do Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB). Após a criação do COTER, a Ch Prep F Ter, inicialmente denominada 1ª Subchefia, foi a responsável por coordenar as evoluções doutrinárias do nível tático com as inovações dos meios de emprego militar (MEM), com a modernização dos processos de ensino-aprendizagem, com o aproveitamento das lições apreendidas, dentre outros.

Dessa forma, o trabalho do Órgão de Direção Operacional (ODOp) - designação do COTER no âmbito da alta administração da força - é relativamente simples: se a tropa for empregada dentro do Brasil, a Chefia do Emprego da Força Terrestre (Ch Emp F Ter) é responsável por realizar uma preparação específica; se o emprego for no exterior, a Chefia de Missões de Paz e Aviação/Inspeção Geral das Polícias Militares (Ch Mis Paz Av/IGPM) conduz a preparação.

O Centro de Doutrina do Exército (C Dout Ex), no contexto do processo de transformação, migrou em novembro de 2015, do Estado-Maior do Exército (EME) para o COTER, cabendo-lhe a elaboração dos manuais doutrinários, o gerenciamento do sistema de lições

apreendidas, a condução de experimentações doutrinárias, a atualização de bases doutrinárias, dentre outras tarefas.

Explicadas, em síntese, as missões do COTER, percebe-se como a Ch Prep F Ter deve estar atenta às evoluções do combate moderno. Isso para manter o estado de prontidão da tropa e elevar o padrão de treinamento ao nível dos

exércitos mais respeitados no mundo, o que caracteriza uma responsabilidade de grande amplitude, como será visto a seguir.

A FORMAÇÃO DO COMBATENTE TERRESTRE

Anualmente, o EB incorpora cerca de 80 mil jovens, entre 18 e 19 anos, que cumprem o dever cívico do serviço militar. Criado em 1906, graças à iniciativa de Olavo Bilac, a conscrição obrigatória, hoje, é praticamente 100% voluntária, isso porque a seleção ocorre no universo global de cerca de 1,5 milhão de jovens que se alistam. Durante 10 a 12 meses, os recrutas passam por intenso treinamento, dividido em duas fases: a de instrução individual e a de adestramento.

A instrução individual divide-se, ainda, em dois períodos: o básico e o de qualificação. No período básico, que tem a duração de nove semanas, aproximadamente, o recruta aprende aspectos gerais da vida militar, passa por um internato, adapta-se à rotina do quartel e realiza exercícios no terreno, onde pratica técnicas e táticas individuais de combate. Na qualificação, o jovem, por meio de instruções técnicas de uso de MEM, é capacitado a integrar cada pequena fração de sua organização militar (OM). Exemplificando, nessa fase há tiro de armamentos coletivos, uso de meios de comunicações, operação de máquinas e equipamentos de engenharia, formação de motoristas de blindados e pilotos de embarcação, manuseio de suprimentos, como os de rancho e munições etc.

Após a qualificação, que dura em torno de 12 semanas, o recruta é considerado mobilizável e apto a receber o certificado de reservista de 1ª categoria, o que tem um significado especial quando o assunto é mobilização, uma vez que o EB tem uma forte vertente de formação de reservistas, haja vista o prolongado período de paz referido no início deste texto.

Em complemento às instruções de qualificação e visando à futura desmobilização, o EB conta com apoio da renomada rede do Sistema “S” do governo federal, onde o jovem pode aprender uma profissão, de forma gratuita, por meio do Projeto Soldado Cidadão do Ministério da Defesa. Em 2018, mesmo com o contingenciamento de recursos, está prevista a profissionalização de aproximadamente cinco mil militares, um serviço que enriquece muito o mercado de trabalho nacional.

Ainda há a possibilidade de o cidadão, caso sinta vocação para a carreira das armas, optar por permanecer além do tempo obrigatório ou concorrer a concursos públicos para as escolas militares de formação de sargentos e de oficiais de carreira ou concorrer a cursos de militar temporário, podendo permanecer na Força por até oito anos.

Sendo assim, para atender ao efetivo que opta por permanecer nas fileiras do EB, a Ch Prep F Ter coordena o Programa de Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP), que é prioritário dentre os demais. Esse programa privilegia estágios e cursos específicos, quando são definidas competências individuais específicas, que proporcionarão capacidades próprias de suas frações. A base da CTTEP exige um mínimo de 300 horas de instrução, regida por PP próprio.

Vale destacar que o Brasil não é o único país a manter o sistema de conscrição militar obrigatório. Em Israel, por exemplo, o serviço militar obrigatório tem a duração de três anos para os homens e dois para as mulheres. Na Coreia do Sul, o serviço militar é restrito à população masculina, com duração de cerca de dois anos, e, na Coreia do Norte, é obrigatório para os homens, com a duração de dez anos. Em linhas gerais, o treinamento militar é feito mundialmente de forma parecida, seguindo princípios similares, com diferenças impostas por questões particulares em cada país.

É importante mencionar, no contexto do preparo do combatente, o valor dos centros de instrução e dos centros de adestramento, os quais guardam a excelência de determinadas especializações, seja porque recebem maior atenção do COTER com relação aos recursos disponíveis, seja porque são essenciais à evolução doutrinária e à difusão de lições aprendidas em suas respectivas áreas de atuação. Por exemplo, o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) é reconhecido internacionalmente como a melhor escola de guerra na selva do planeta e, no Brasil, há outros 12 centros de instrução em vários locais do território nacional.

O soldado brasileiro tem tido um desempenho admirável em operações, dentro e fora do país, tanto que as demandas pelo emprego de forças brasileiras crescem a cada ano. Para manter esse elevado nível de desempenho e atender aos desafios atuais e futuros, faz-se necessário o aprimoramento dos métodos de treinamento do EB e é exatamente o que o Preparo vem fazendo.

EFETIVO PROFISSIONAL: PRONTIDÃO PERMANENTE

A capacitação do efetivo profissional (EP) recebe atenção especial. O EP constitui-se de oficiais e praças, temporários e de carreira, sendo o maior efetivo da Força, devendo estar sempre em condições de cumprir sua missão.

De fato, algumas missões exigem preparação mais prolongada, como a de tropa empregada no exterior. Outras requerem preparações expeditas, como os reconhecimentos de fronteira, rotineiros em

toda a imensa fronteira terrestre do país. Ambas demandam prontidão permanente do EP e, para ficar em condições ideais de cumprir sua tarefa, são necessárias desde algumas horas até meses de preparação.

Assim, além das 300 horas mínimas, podem ser necessárias outras instruções peculiares para que o EP ou suas respectivas frações alcancem determinadas capacidades exigidas para tais missões. Nesse sentido, podem ser executados determinados módulos de tiro, treinamento físico militar específico, como natação utilitária e lutas, exercícios no terreno para patrulhamento fluvial e aéreo, entre outros.

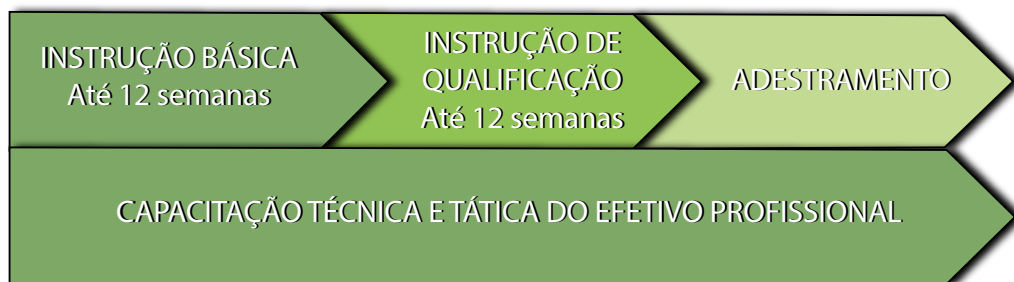
Como curiosidade, comparando-se cursos civis com a CTTEP, verifica-se que o programa do EB é bastante exigente, tanto em carga horária como em qualidade de execução, o que permite, por exemplo, um alinhamento de currículos profissionais com várias profissões existentes no mercado e reconhecidas pelo Ministério da Educação, como, por exemplo, socorristas, vigilantes, mecânicos, motoristas, garçons, entre tantas outras.

Ainda no contexto do EP, há certos efetivos, como os de brigada leve, paraquedista, forças especiais, alguns de selva e blindados, que constituem as forças de emprego estratégico (FEE), tropas 100% profissionais e destinadas à pronta resposta. Assim, verifica-se que o EB está absolutamente pronto para responder aos desafios que visualiza, assegurando à nação a tranquilidade necessária para o seu desenvolvimento.

Merece uma última referência o esforço nacional em torno da relatada conscrição. Esse é um princípio que diferencia o EB de outros efetivos estrangeiros, pelo fato de essa circunstância criar um adensamento subsequente de efetivos profissionais na faixa etária entre 19 e 27 anos, o que dá um significado especial à condição de prontidão, por representar a força, a vontade e a disponibilidade do melhor da juventude brasileira na defesa da pátria.

EFICIÊNCIA OPERACIONAL AO ALCANCE DO ADESTRAMENTO AVANÇADO

A fase mais importante do ano de instrução é o adestramento, que ocorre após a qualificação, conforme mostra a figura abaixo. Observa-se que a CTTEP acontece o ano inteiro, logicamente em coordenação com as demais etapas, haja vista que o EP é intensamente empregado na instrução do recruta.



Síntese do ciclo anual da instrução militar.

O adestramento é desenvolvido em dois períodos: o básico e o avançado. No adestramento básico, as instruções vão do nível pelotão/seção até o nível unidade. No avançado, capacitam-se as brigadas e divisões. Para se adestrarem, as frações cumprem determinados módulos didáticos de adestramento, sendo cada módulo dividido em três etapas:

- a instrução preliminar, que consiste no nivelamento teórico dos conhecimentos;
- o exercício propriamente dito, preferencialmente em campos de instrução; e
- a análise pós-ação, que busca a retificação de determinados procedimentos.

Ao término do adestramento, considera-se que a tropa está capacitada para ser empregada em combate, na principal missão constitucional do EB - a defesa da pátria - ou em missões relacionadas à garantia da lei e da ordem e ações subsidiárias.

Conforme as OM evoluem no seu adestramento, elas atingem, ao longo dos anos, certos níveis de capacitação operacional, que recebem as seguintes denominações:

- nível 1 - operacionalidade;
- nível 2 - eficiência operacional; e
- nível 3 - poder de combate.

Inicialmente todas as OM do EB procuram atingir a eficiência operacional. Aquelas que alcançaram o poder de combate estão aptas a cumprir qualquer missão, como é o caso das FEE.

Destaca-se que manter uma força com a dimensão do EB no nível poder de combate seria um encargo muito oneroso para o Brasil. Por isso, é essencial o equilíbrio entre o que se pode e o que se deve fazer, sempre avaliando os cenários que se descortinam à frente, o que é uma grande responsabilidade do Alto Comando do Exército e do EME.

É importante destacar que, com as crescentes demandas de emprego internacional de tropas brasileiras, o adestramento envolve, algumas vezes, exercícios com nações amigas. Nesse contexto, insere-se, por exemplo, o Exercício Combinado *Culminating*, compromisso assumido com Exército dos Estados Unidos para 2020, dentre outros.

SIMULAÇÃO: SUPORTE AO COMBATENTE BRASILEIRO DO FUTURO

A tecnologia permite o aprimoramento dos métodos de treinamento do combatente moderno. Essa solução, além de economizar recursos de toda ordem, permite a repetição de técnicas, táticas e procedimentos quase à exaustão, aprimorando o reflexo condicionado, tão importante para o soldado.

O COTER é o órgão central do sistema de simulação do EB e tem coordenado os esforços para mobilizar centros de adestramento, centros de instrução e determinadas OM com o que há de melhor no mercado internacional, inclusive estimulando empresas brasileiras a desenvolverem seus próprios produtos de simulação, nos ambientes denominados de simulação viva, virtual e construtiva.

Sumariamente, a simulação viva usa equipamentos reais, pessoas reais e efeitos simulados, sendo a mais próxima da realidade. Na virtual, a mais empregada atualmente, os equipamentos são simulados, as pessoas são reais e os efeitos são simulados. A construtiva faz amplo uso da inteligência artificial para treinar, principalmente, os estados-maiores de unidades, brigadas e divisões de exército.

Para se dimensionar a importância da simulação na atualidade, indica-se o custo do treinamento da artilharia, que, em qualquer exército, onera significativamente o orçamento militar. Baseado nisso, foram instalados em Resende-RJ e em Santa Maria-RS os simuladores de apoio de fogo (SIMAF) – simulação viva, que reduziram as despesas com munição de obuseiros e morteiros pesados em cerca de dez vezes, permitindo às tropas que usam esses equipamentos atingirem níveis elevados de eficácia de forma muito acessível.

O mesmo está acontecendo com o novo Fuzil IA2, que o EB está adquirindo junto à IMBEL, porém, a solução para o simulador, nesse caso, é provável que seja caseira. Empresas nacionais estão desenvolvendo soluções criativas e de baixo custo para dotar a Força Terrestre com simuladores de primeira linha.

Convém enfatizar que o emprego da simulação reserva incontáveis possibilidades. Recentemente, a Ch Prep F Ter estabeleceu parceria com o SENAI, para adotar a “realidade aumentada” como uma alternativa de treinamento. É importante que se diga que essa técnica é o estado da arte na simulação, que viabilizará, por exemplo, o treinamento dos militares dentro do conceito do Projeto COBRA (Combatente Brasileiro).

Como já foi relatado, também é importante manter os oficiais-generais e seus estados-maiores atualizados. Com essa finalidade, o Preparo coordena exercícios de simulação construtiva, conhecidos como jogos de guerra. Numa versão mais evoluída, de baixo custo e que evita deslocamentos de pessoal e material, o COTER tem controlado essas atividades remotamente, por meio de internet e pelo emprego do *software* COMBATER. A maior vantagem desses jogos, além da atualização doutrinária, é o custo da atividade, praticamente simbólico.

Foi nesse contexto que, em abril de 2018, o Brasil sediou o Exercício *Viking* 2018, o maior jogo de guerra da atualidade, conduzido pela Suécia e tendo outros quatro

países europeus participantes, dentre outros 40 países envolvidos, 80 organizações civis, totalizando 2,5 mil pessoas. Nessa oportunidade, o COMBATER integrou-se ao TYR, seu correlato sueco, permitindo aos militares brasileiros participarem de uma atividade simulada no mais elevado nível internacional.

GESTÃO E RACIONALIZAÇÃO: A GOVERNANÇA DO PREPARO

Para atingir às exigências naturais de uma tropa pronta e dentro das melhores condições para o emprego, a Ch Prep F Ter realiza, anualmente, o planejamento orçamentário em consonância com as necessidades e especificidades de cada Comando Militar de Área (C Mil A). Esse processo é complexo, em face das incertezas orçamentárias, e, ao encerrar-se, resulta num documento denominado contrato de objetivos, que define toda a instrução do ano seguinte e suas respectivas fontes de recursos.

Em síntese, o objetivo que se busca atingir com esse contrato é a racionalização e materialização das diversas atividades do preparo da F Ter, principalmente as grandes operações das brigadas e divisões, ou seja, o adestramento avançado.

Vale destacar que todo esse processo dura cerca de três meses e tem como suporte tecnológico o sistema de apoio ao planejamento, onde são feitos os detalhamentos da instrução dos C Mil A, no que diz respeito aos recursos financeiros, rações operacionais, munições e combustíveis, de modo que as atividades sejam plenamente exequíveis, planejadas com antecedência mínima de um ano e, ainda, permitam que os recursos sejam descentralizados com a devida oportunidade.

Para fazer frente às movimentações de pessoal da Força e garantir a execução do que foi contratado, a Ch Prep F Ter organiza, no início do ano seguinte, uma reunião com os C Mil A, as FEE, os centros de instrução e os centros de adestramento. A atividade é denominada Reunião de Coordenação do

Preparo e tem a finalidade de atualizar os oficiais presentes sobre o que foi contratado no ano anterior e sobre as últimas diretrizes para o ano de instrução em curso.

Com base nessa coordenação administrativa, cada homem, cada fração e até toda a Força têm delineado o caminho a ser percorrido para que sejam alcançados seus respectivos objetivos ao final do período, que, em suma, significa manter ou melhorar a eficiência operacional alcançada no ano anterior.

CONCLUSÃO

Há mais de duas décadas e meia, o COTER foi criado para aumentar a agilidade, a coordenação e o controle das operações do EB. Hoje, pode-se afirmar que esse ODOp vem cumprindo muito bem sua missão.

O soldado brasileiro tem tido um desempenho admirável em operações, dentro e fora do país, tanto que as demandas pelo emprego de forças brasileiras crescem a cada ano. Para manter esse elevado nível de desempenho e atender aos desafios atuais e futuros, faz-se necessário o aprimoramento dos métodos de treinamento do EB e é exatamente o que o Preparo vem fazendo.

Enfim, o preparo da F Ter é complexo, intrincado, dinâmico e exige um trabalho exaustivo para coordenar a instrução de efetivo numeroso, de grupamentos tão distintos quanto os ambientes operacionais que os cercam; distribuir recursos de forma meticulosa; obter tecnologia de ponta e empregá-la com efetividade; e contribuir para o adestramento de múltiplas frações.

É nesse ambiente de trabalho incessante, cuja busca pelo êxito é ação integrada e não finalística, que se insere o soldado brasileiro. Seu treinamento de alto nível viabiliza o estado de prontidão, requisito para um país cujos desafios são proporcionais às suas dimensões.

